



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE FARMÁCIA ODONTOLOGIA E ENFERMAGEM
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

PATRICIA DO NASCIMENTO SILVA

**O ENSINO DA HANSENÍASE EM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DO CEARÁ**

FORTALEZA

2019

PATRICIA DO NASCIMENTO SILVA

O ENSINO DA HANSENÍASE EM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO
CEARÁ

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Enfermeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Sacha Frota Nogueira

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S582 Silva, Patricia do Nascimento.
O ENSINO DA HANSENÍASE EM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO CEARÁ /
Patricia do Nascimento Silva. – 2019.
40 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia,
Odontologia e Enfermagem, Curso de Enfermagem, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Paula Sacha Frota Nogueira.
1. Hanseníase. 2. Enfermagem. 3. Ensino. I. Título.

CDD 610.73

PATRICIA DO NASCIMENTO SILVA

O ENSINO DA HANSENÍASE EM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO
CEARÁ

Monografia apresentada ao curso de enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Paula Sacha Frota Nogueira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Liana Mara Rocha Teles
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Caroline Mary Gurgel Dias Florêncio
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

A minha mãe, irmãs e sobrinha, por todo apoio e compreensão.

A todos que contribuíram para a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dra. Paula Sacha Frota Nogueira, pela orientação, por me receber como integrante e bolsista da Liga Acadêmica em Doenças Estigmatizantes (LADES) e por todos os ensinamentos que me foram passados ao longo da minha graduação.

Aos participantes da banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Liana Mara Rocha Teles, que me deu a oportunidade de ser sua bolsista por um ano e por todo o aprendizado que me passou ao longo desse tempo. Prof^a. Dr^a. Caroline Mary Gurgel Dias Florêncio, pela preceptorial na LADES e disponibilidade para colaborações e sugestões valiosas.

À Brenna de Paulo, que esteve comigo durante toda minha caminhada, acreditou no meu potencial e não me deixou desistir. Sem você eu não teria conseguido.

Aos amigos que a Universidade me presenteou e fizeram desse período mais leve e prazeroso.

À Universidade Federal do Ceará que me permitiu expandir os meus horizontes, por me oferecer professores capacitados, um ambiente de estudo saudável e muitas oportunidades para participar das mais diversas atividades acadêmicas.

RESUMO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), um sexto da população mundial possui uma ou mais Doença Negligenciada (DN) totalizando mais de um bilhão de pessoas. Mesmo com a redução de casos nos últimos anos, a hanseníase ainda permanece no topo das DN prevalentes no Brasil. O desconhecimento da população sobre a doença somado ao despreparo dos profissionais de saúde leva a uma manutenção da cadeia de transmissão. Os profissionais de saúde pouco sabem sobre a temática e tal deficiência pode estar relacionada à ausência do conteúdo nos cursos superiores da área da saúde. Este trabalho teve como objetivo avaliar o ensino sobre hanseníase no curso de Enfermagem de IES federal situada em Fortaleza - Ceará. Trata-se de um estudo do tipo transversal, descritivo-exploratório, com abordagem mista. A amostra foi composta por 44 acadêmicos matriculados no primeiro e último semestre de curso de graduação em Enfermagem. A coleta de dados ocorreu por meio de um formulário eletrônico autoaplicável, desenvolvido através da plataforma do *Google*, enviado por *e-mail*. O formulário contou com dados sobre idade, sexo, renda, informações sobre o ensino da hanseníase na formação acadêmica, e ao final, foi aplicado um mini teste de conhecimento envolvendo 10 questões objetivas sobre hanseníase. As respostas ficaram armazenadas em planilha de dados em nuvem gratuita (*Google Drive*), vinculada ao e-mail da pesquisadora. A amostra foi composta por 24 (54,5%) acadêmicos do primeiro semestre e 20 (45,5%) acadêmicos do último semestre, com média de idade de $22,6 \pm 6,3$ anos, sexo feminino (93,2%; 41/44), a renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos (50,0%; 22/44). 39 estudantes (88,6%) já conheciam a hanseníase, ocorrendo na escola esse primeiro contato. Todos os acadêmicos do último semestre afirmaram ter contato com o tema durante a graduação. A abordagem mais utilizada foi aula expositiva (40,0%; 20), com carga horária de 12 a 20 horas (55,0%; 11). Após a aplicação do teste de conhecimento específico observou-se que os estudantes do primeiro semestre apresentaram melhor desempenho nas questões de conhecimento básico, já os do último semestre demonstraram conhecimento regular em todo o teste. Diante do exposto, é possível afirmar que o ensino em hanseníase ministrado no curso de enfermagem foi parcialmente satisfatório para o conhecimento teórico. Apesar disso, faz-se necessário uma reestruturação na carga horária oferecida, visando assim, à formação de profissionais qualificados e aptos a atuar frente às ações de controle da hanseníase.

Palavras-chave: Hanseníase. Enfermagem. Ensino.

ABSTRACT

According to the World Health Organization (WHO), one-sixth of the world's population has one or more Neglected Diseases (DN) totaling more than one billion people. Even with the reduction of cases in recent years, leprosy still remains at the top of the prevalent DNs in Brazil. The population's lack of knowledge about the disease and the unpreparedness of health professionals leads to a maintenance of the transmission chain. Health professionals know little about the subject and such deficiency may be related to the lack of content in higher education courses in the health area. The aim of this study was to evaluate the teaching on leprosy among nursing students of a Federal Higher Education Institution located in Fortaleza - Ceará. It is a cross-sectional, descriptive-exploratory study with a mixed approach. The sample consisted of 44 students enrolled in the first and last semester of undergraduate Nursing courses. The data collection took place through a self-administered electronic form, developed through the Google platform, sent by e-mail. The form had data on age, sex, income, information on leprosy teaching in academic formation, and at the end, a mini knowledge test was applied involving 10 objective questions about leprosy. Responses were stored in a free cloud worksheet (Google Drive), linked to the searcher's email. The sample consisted of 24 (54.5%) academic students in the first semester and 20 (45.5%) academics in the last semester, with a mean age of 22.6 ± 6.3 years, female (93.2%; 41/44), the family income between 1 and 3 minimum wages (50.0%, 22/44). 39 students (88.6%) already knew leprosy, occurring in school that first contact. All the scholars of the last semester stated that they had contact with the subject during graduation. The most used approach was an expositive class (40.0%, 20), with a workload of 12 to 20 hours (55.0%, 11). After the application of the specific knowledge test, it was observed that the first semester students presented better performance in the basic knowledge questions, while the last semester demonstrated knowledge throughout the test. In view of the above, it is possible to affirm that the teaching in leprosy taught in the nursing course was partially satisfactory for the theoretical knowledge. Despite this, it is necessary to restructure the workload offered, aiming at the formation of professionals qualified and able to act in the face of leprosy control actions.

Keywords: Leprosy. Nursing. Teaching.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características sociodemográficas e dados educacionais de acadêmicos do primeiro e último semestre do curso de Enfermagem. Fortaleza, Ceará, 2019.....	18
Tabela 2 – Conhecimento prévio sobre hanseníase entre acadêmicos do primeiro e último semestre do curso de Enfermagem. Fortaleza, Ceará, 2019	18
Tabela 3 – Experiência acadêmica em hanseníase entre estudantes do último semestre do curso de Enfermagem. Fortaleza, Ceará, 2019.....	19
Tabela 4 – Análise comparativa do conhecimento entre alunos do primeiro e último semestre. Fortaleza, Ceará, 2019.....	20

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DAHW	Associação Alemã de Assistência aos acometidos pela hanseníase e Tuberculosos
DN	Doença Negligenciada
DNDi	<i>Drugs for Neglected Diseases initiative</i>
DP	Desvio Padrão
EPI	Equipamento de Proteção Individual
ESF	Estratégia Saúde da Família
OMS	Organização Mundial de Saúde
PSE	Programa Saúde na Escola
SM	Salário Mínimo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFC	Universidade Federal do Ceará
WHO	<i>World Health Organization</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Doenças Negligenciadas no mundo.....	11
1.2	A hanseníase como doença negligenciada	12
1.3	Formação profissional em hanseníase	13
1.4	Justificativa e Relevância	14
2	OBJETIVO.....	15
2.1	Objetivo Geral	15
2.2	Objetivos específicos.....	15
3	METODOLOGIA	16
3.1	Tipo de Estudo.....	16
3.2	Local do Estudo.....	16
3.3	Amostra	16
3.4	Coleta de dados	17
3.5	Armazenamento e análise dos dados	17
3.6	Aspectos éticos	17
4	RESULTADOS	18
5	DISCUSSÃO	22
6	CONCLUSÃO	27
	REFERÊNCIAS	28
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	32
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE	
	ESCLARECIDO	35
	ANEXO A – PARECER COMITÊ DE ÉTICA.....	37

1 INTRODUÇÃO

1.1 Doenças Negligenciadas no mundo

O termo Doenças Negligenciadas surgiu na década de 1970 pelo programa “*The Great Neglected Diseases*” da Fundação Rockefeller. Sendo definido por doenças causadas por agentes infectoparasitários, consideradas endêmicas nos países em desenvolvimento e que atingem principalmente populações de baixa renda, produzindo importante impacto socioeconômico, com diminuição na qualidade de vida das pessoas afetadas (SANTOS *et al.*, 2017).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), um sexto da população mundial possui uma ou mais DN, totalizando mais de um bilhão de pessoas. Com base em números alarmantes de casos, magnitude da doença e após análises epidemiológicas, foram definidas sete enfermidades prioritárias para com o programa em DN, sendo elas: dengue, doença de Chagas, leishmaniose, malária, esquistossomose, tuberculose e hanseníase (BRASIL, 2010).

O Brasil é o país que apresenta o maior número de casos de DN da América Latina. No período de 2008 a 2014 destacou-se como principal responsável pelos casos de esquistossomose (96%), leishmaniose visceral (93%), leptospirose (92%), hanseníase (86%), dengue (40%), leishmaniose cutânea (39%), malária (36%), doença de Chagas (25%) e helmintoses intestinais (24%) (SILVA-PIRES *et al.*, 2017).

As DN estão associadas a investimentos reduzidos em pesquisas, limitada produção de medicamentos, diagnósticos tardios, fragilidade na assistência oferecida, além da dificuldade no acesso a saúde (SILVA-PIRES *et al.*, 2017).

Com base nesse cenário surge em 2003 a iniciativa Medicamentos para Doenças Negligenciadas, (DNDi - *Drugs for Neglected Diseases initiative*) uma organização internacional sem fins lucrativos que atua no desenvolvimento de pesquisas e medicamentos seguros, eficazes e acessível a populações que possuem alguma DN. Em 15 anos, foi responsável pelo desenvolvimento de seis novos tratamentos adaptados as necessidades dos pacientes, além da criação de um portfólio com projetos de medicamentos, incluindo mais de 20 novas entidades químicas em fase de desenvolvimento (DNDi, 2018).

1.2 A hanseníase como doença negligenciada

Mesmo com a redução de casos nos últimos anos, a hanseníase ainda permanece no topo das DN prevalentes no Brasil. A quebra da cadeia de transmissão é essencial para o seu controle e prevenção, entretanto, a falta de recursos materiais e pessoais torna-se o maior entrave na eliminação da doença.

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, crônica e de evolução lenta, causada pelo *Mycobacterium leprae*, responsável pelo acometimento de pele e nervos periféricos, com alto poder incapacitante. Sua transmissão se dá pela liberação do bacilo por via aérea superior através de contato prolongado com uma pessoa infectada e não tratada (MOREIRA *et al.*, 2014).

Configura-se ainda como grave problema de saúde pública por seu potencial incapacitante, interferindo nas atividades comuns do dia a dia, além de acarretar problemas psicológicos e sociais vinculados ao estigma e preconceito ainda persistente, influenciando na vida social dos portadores da doença (MOREIRA *et al.*, 2014).

Apesar da adoção de estratégias de controle da hanseníase em países endêmicos, o crescimento de novos casos ainda preocupa. Durante o ano de 2017, foram notificados 210.671 casos novos em 150 países, com uma taxa de detecção de 2,77/100 mil habitantes (World Health Organization - WHO, 2018).

Em 2012, no Brasil, foram notificados 33.303 novos casos da doença, com taxa de detecção de 17,17/100 mil habitantes (VIANA; ARAÚJO; PIRES, 2016). No ano de 2016 houve redução, totalizando 25.218 novos casos, com taxa de detecção de 12,2/100 mil habitantes. Apesar da queda, os números apresentados ainda são considerados elevados classificando o país como de alta carga para hanseníase (BRASIL, 2018).

No período entre 2001 a 2016, a média da taxa de detecção de hanseníase em menores de 15 anos foi de 5,77/100 mil habitantes, considerada muito alta, tendo em vista que se trata de uma doença de evolução lenta e o acometimento nessa faixa etária indica a exposição precoce ao bacilo sendo um forte indicador de transmissão ativa nas comunidades. (SCHNEIDER; FREITAS, 2018).

O nordeste brasileiro tem um coeficiente de detecção geral considerado alto, de 23,8/100 mil habitantes (BRITO *et al.*, 2016). Nesta região, o Ceará destaca-se de maneira negativa. No período de 2007 a 2016 houveram 21.335 casos novos notificados. A maior taxa de detecção de hanseníase no Ceará, entre os períodos supracitados, ocorreu em 2008, com 30,4/100 mil habitantes. A taxa de detecção em menores de 15 anos no Ceará foi de 6,7/100

mil habitantes em 2007, a maior já registrada. Em 2016 houve uma redução considerável, com uma taxa de 3,8/100 mil habitantes, porém ainda permaneceu alta (CEARÁ, 2017).

O diagnóstico tardio e a ausência de tratamento adequado levam a manutenção da cadeia de transmissão, dificultando a prevenção e a redução dos danos causados pela doença. Dessa forma faz-se necessário a realização de atividades para bloquear a transmissão e reduzir incapacidades. Atividades dessa natureza dependem, em sua maioria, da qualificação dos profissionais de saúde (BELUC; BORGATO; GALAN, 2012).

O desconhecimento da população sobre os sinais e sintomas somado ao despreparo dos profissionais de saúde, especialmente na atenção básica, levam a uma peregrinação em busca de um diagnóstico correto. Em estudo realizado em Recife no período de 2009 a 2010 em uma unidade de referência para hanseníase, evidenciou que o usuário procura várias unidades de saúde até encontrar o diagnóstico correto, podendo levar meses ou anos, reforçando a necessidade de treinamentos voltados a uma educação permanente dos profissionais de saúde (AQUINO *et al.*, 2015).

1.3 Formação profissional em hanseníase

O conhecimento sobre hanseníase é indispensável para o controle da doença, porém ainda é muito reduzido. Os profissionais de saúde pouco sabem sobre a temática dificultando o desenvolvimento de ações de prevenção, diagnóstico precoce, cura da doença, podendo estar relacionado à ausência do conteúdo nos cursos superiores da área da saúde (CARVALHO *et al.*, 2015).

Em pesquisa desenvolvida no Rio Grande do Norte, com 98 profissionais da saúde, 71 enfermeiros e 27 médicos, foi questionado sobre o contato com o conteúdo de hanseníase durante suas formações. A maioria dos entrevistados respondeu que durante a graduação tiveram acesso ao conteúdo, porém as aulas oferecidas eram superficiais (MORENO; ENDERS; SIMPSON, 2008).

Um estudo realizado na Paraíba buscou analisar as abordagens de ensino da atenção a hanseníase em cursos da graduação em enfermagem por meio do currículo oferecido. Foram analisadas seis universidades, entre públicas e privadas. Ao final da pesquisa observou-se que o ensino da hanseníase estava presente em todos os cursos analisados, entretanto com muitas limitações, como por exemplo, carga horária reduzida, componentes curriculares insuficientes, foco apenas biológico não priorizando a promoção da saúde e controle da doença e algumas não especificavam o conteúdo ofertado (CHAVES, 2017).

Em pesquisa realizada com 122 alunos do último ano do curso de medicina de universidades públicas de Belém, apontou um conhecimento relativamente baixo, onde 49,2% teve resultado regular e 44,2% insuficiente (VIANA; ARAÚJO; PIRES, 2016).

Em um trabalho realizado na Nigéria, com 63 estudantes do curso de fisioterapia, apenas 20 (32%) estudantes apresentavam um bom conhecimento sobre a doença, 28 (44%) tiveram conhecimento regular e 15 (24%) demonstraram pouco conhecimento sobre a temática (IYOR, 2005).

Nota-se que o resultado de ambas as pesquisas é preocupante, principalmente por se tratar de áreas endêmicas e com necessidade de capacitação profissional qualificada.

A inclusão da hanseníase na grade curricular obrigatória nos cursos da área de saúde é uma recomendação mundial para que assim haja a manutenção de programas ligados a doença, com profissionais capacitados não chegando ao mercado de trabalho alheio a uma endemia que há tempos se faz presente no país (CARVALHO *et al.*, 2015).

1.4 Justificativa e Relevância

Em minha formação profissional pouco tive acesso aos conteúdos voltados para as Doenças Negligenciadas (DN). A abordagem apresentada nos semestres iniciais costumava focar na sintomatologia e tratamento medicamentoso, e posteriormente pouco foi aplicado na atuação do enfermeiro. Para fortalecer o conhecimento busquei experiência em atividades complementares que alinhassem teoria e prática. Dentre elas destaco a minha experiência como integrante da Liga Acadêmica em Doenças Estigmatizantes, que entre outras DNs, atua no combate a hanseníase e tuberculose. Durante dois anos, pude participar de ações voltadas à prevenção da doença e promoção da saúde, contribuindo com a quebra da cadeia de transmissão e garantindo uma formação de qualidade. Nesse período, tive contato com colegas em formação na enfermagem, que também relatavam essa lacuna no ensino, o que fez surgir o desejo de conhecer como acontece a abordagem sobre hanseníase dentro da instituição. O enfermeiro possui papel de destaque no acompanhamento do paciente com hanseníase, principalmente na atenção básica. Assim, avaliar o conhecimento de graduandos em enfermagem e o espaço dedicado ao ensino da patologia na graduação torna-se urgente, de forma a identificar possíveis lacunas e sugerir melhorias na formação. Esta pesquisa trará como benefício à possibilidade de conhecer as lacunas do ensino em hanseníase de modo a contribuir para melhoria e visibilidade deste tema na formação acadêmica.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Avaliar o ensino sobre hanseníase no curso de Enfermagem de IES federal situada em Fortaleza - Ceará.

2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o perfil de acadêmicos do primeiro e último semestre de curso de Enfermagem;
- Conhecer as abordagens utilizadas para o ensino da hanseníase;
- Comparar o conhecimento sobre hanseníase entre acadêmicos do primeiro e último semestre de curso de Enfermagem.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Estudo

Estudo do tipo transversal, descritivo-exploratório, com abordagem mista.

Em um estudo descritivo o autor tenta descrever ou definir um assunto, utilizando a relação entre duas ou mais variáveis sem ter que explicar o porquê do resultado de tal relação (COOPER; SCHINDLER, 2016).

Na pesquisa descritiva há a observação e registro da incidência de um fenômeno, já na pesquisa exploratória há o intuito de se aprofundar nas características que compõe aquele determinado fenômeno e os fatores relacionados a ele (POLIT; BECK, 2011). A pesquisa qualitativa é um método que valoriza a descrição e a explicação dos fenômenos investigados, a partir de entrevistas e observações, em que a construção do conhecimento ocorre pela interação constante entre os pesquisadores e os participantes (DUARTE, 2002).

3.2 Local do estudo

Foram abordados acadêmicos matriculados no curso de graduação em Enfermagem em IES pública federal localizada em Fortaleza - Ceará. O curso oferece 80 vagas anuais, sendo 40 para o primeiro semestre e 40 para o segundo. Conta com dez semestres e é diurno.

3.3 Amostra

O processo de amostragem foi por bola de neve. Que de acordo com Vinuto (2014) configura-se como técnica não probabilística, comumente utilizada em estudos com fins exploratórios, que envolvam grupos de difícil acesso ou que não há informação precisa sobre sua quantidade.

O pesquisador traça um perfil para a amostra, em seguida, os indivíduos selecionados para serem estudados convidavam novos participantes que se encaixavam nos critérios de inclusão da pesquisa.

A amostra foi composta por 44 estudantes do curso de Enfermagem, sendo 24 estudantes do primeiro semestre e 20 estudantes do último semestre, 59,5% do total de alunos matriculados. Os critérios de inclusão foram: ser maior de 18 anos, ter acesso a rede de dados, e estar matriculado no primeiro ou último semestre de curso de graduação em Enfermagem em IES pública federal situada em Fortaleza-Ceará.

3.4 Coleta dos dados

A coleta de dados ocorreu por meio de um formulário eletrônico autoaplicável, desenvolvido através da plataforma do *Google*, enviado por *e-mail*. Foi feita uma abordagem inicial, por *e-mail*, com o coordenador do curso de Enfermagem da IES, onde nos foi fornecido os *e-mails* de acadêmicos matriculados no primeiro e último semestre. O *Google Forms* foi a plataforma utilizada para construir o formulário de coleta de dados (APENDICE A), ficando disponível por 30 dias corridos para preenchimento.

No primeiro *e-mail* de contato o participante recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) digital. Após o aceite em participar, um segundo *e-mail* foi enviado com o *link* para o formulário de coleta de dados.

O formulário contou com dados sobre idade, sexo, renda, informações sobre o ensino da Hanseníase na formação acadêmica, e ao final, foi aplicado um miniteste de conhecimento envolvendo 10 questões objetivas sobre hanseníase. O tempo estimado de preenchimento foi 15 minutos. As respostas só foram validadas após o preenchimento completo do formulário, sendo confirmada através de *e-mail* ao participante. Neste *e-mail* de confirmação o participante, recebeu uma cópia do TCLE com a assinatura digitalizada da pesquisadora.

3.5 Armazenamento e análise dos dados

As respostas ficaram armazenadas em planilha de dados em nuvem gratuita (*Google Drive*), vinculada ao e-mail da pesquisadora, este possui um pacote de aplicativos gratuitos, ao qual o *Google Forms* está inserido.

Na análise descritiva, foram calculadas as frequências absolutas e percentuais para as variáveis nominais, no caso de variáveis quantitativas, foram apresentados média e desvio padrão.

3.6 Aspectos éticos

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, nº do parecer 3.358.467 (ANEXO A) seguindo as recomendações da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas que envolvem seres humanos (BRASIL, 2012). O anonimato dos participantes foi mantido e os resultados da pesquisa serão utilizados somente para fins científicos. Não houve riscos físicos aos participantes.

4 RESULTADOS

Tabela 1. Características sociodemográficas e dados educacionais de acadêmicos do primeiro e último semestre do curso de Enfermagem. Fortaleza, Ceará, 2019.

Variáveis (n= 44)	N	%
Idade X*= 22,6 DP**= 6,3		
18 – 24	36	81,8
25 – 32	04	9,1
33 – 39	02	4,5
≥ 40	02	4,5
Sexo		
Feminino	41	93,2
Masculino	03	6,8
Renda Familiar em salários mínimos		
1 SM***	08	18,2
1 - 3 SM	22	50,0
> 3 SM	14	31,8
Semestre que está cursando		
Primeiro	24	54,5
Último	20	45,5
Formação anterior		
Sim	02	4,5
Não	42	95,5

* Média. **Desvio padrão. ***Salário Mínimo.

Fonte: Elaborada pelo autor.

A amostra foi composta por 24 (54,5%) acadêmicos do primeiro semestre e 20 (45,5%) acadêmicos do último semestre. O perfil dos acadêmicos revelou uma média de idade de 22,6±6,3anos, variando de 18 a 46 anos, sexo feminino (93,2%; 41/44), a renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos (50,0%; 22/44). Apenas dois estudantes possuíam formação anterior em letras e Técnico em Enfermagem (Tabela 1).

Tabela 2. Conhecimento prévio sobre hanseníase entre acadêmicos do primeiro e último semestre do curso de Enfermagem. Fortaleza, Ceará, 2019.

Variáveis	N	%
Já tinha ouvido falar sobre hanseníase antes de entrar na faculdade? (n= 44)		
Sim	39	88,6
Não	05	11,4
Caso sim, onde/como?(n= 68)		
Escola	26	38,2
Redes sociais	19	27,9
Televisão	17	25,0
Formação Anterior	02	2,9
Rádio	01	1,5
Outros	03	4,4

Fonte: Elaborada pelo autor.

Quanto ao conhecimento prévio sobre hanseníase, 39 (88,6%) estudantes afirmaram que já tinham ouvido falar sobre a doença. Ao serem questionados onde ocorreu esse contato a abordagem na escola foi predominante (26; 38,2%), seguido por redes sociais (19; 27,9%). Nesta variável foi aceita mais de uma resposta por estudante, além da possibilidade de incluir novas respostas. Na categoria outros foram citados; conhecimento popular, Bíblia e Unidade Básica de Saúde (UBS) (Tabela 2).

Tabela 3. Experiência acadêmica em hanseníase entre estudantes do último semestre do curso de Enfermagem. Fortaleza, Ceará, 2019.

Variáveis	N	%
Teve algum contato com o tema “hanseníase” durante sua formação? (n= 20)		
Sim	20	100,0
Não	0	0
Caso sim, qual foi a abordagem utilizada? (n= 54)		
Aula expositiva	20	37,0
Aula expositiva com estágio	15	27,8
Estágio	15	27,8
Seminário	04	7,4
Caso sim, quantas horas foram destinadas para esta abordagem? (n= 20)		
De 4 a 12 horas	05	25,0
De 12 a 20 horas	11	55,0
Acima de 20 horas	04	20,0
Essa abordagem fazia parte da sua grade curricular ou foi executada através de atividade complementar?(n= 20)		
Grade curricular	11	55,0
Grade curricular com atividade complementar	09	45,0
Caso tenha sido através de atividade complementar, marque a opção que corresponde a atividade: (n= 5)		
Ações de extensão	02	40,0
Cursos	02	40,0
Estágios extracurriculares	01	20,0
Você considerou esta abordagem satisfatória para sua formação para executar atividades de enfermagem dentro das ações de controle da hanseníase?(n= 20)		
Sim	14	70,0
Não	06	30,0
Você se sente apto para executar atividades de enfermagem dentro das ações de controle da hanseníase?(n= 20)		
Sim	08	40,0
Não	12	60,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

Todos os acadêmicos do último semestre afirmaram ter contato com o tema “hanseníase” durante sua formação. A abordagem mais utilizada foi aula expositiva (20;

37,0%). A carga horária destinada foi de 12 a 20 horas (11; 55,0%) fazendo parte da grade curricular (11; 55,0%) ou por meio de grade curricular com atividade complementar (09; 45,0%). Os que citaram atividade complementar se referiam a cursos, ações de extensão e estágio extracurricular (Tabela 3).

A maioria dos estudantes (70,0%; 14/20) considerou estas abordagens satisfatórias para sua formação, entretanto, boa parte (60,0%; 12/20) referiu não se sentir apto para executar atividades de enfermagem dentro das ações de controle da hanseníase (Tabela 3).

Tabela 4. Análise comparativa do conhecimento entre alunos do primeiro e último semestre. Fortaleza, Ceará, 2019.

Variáveis	Total		Primeiro semestre		Último semestre	
	N	%	N	%	N	%
1. Agente etiológico						
Acertos	44	100	24	100	20	100
Erros	0	0	0	0	0	0
2. Transmissão						
Acertos	26	59,1	07	29,2	19	95,0
Erros	18	40,9	17	70,8	01	5,0
3. População acometida						
Acertos	44	100	24	100	20	100
Erros	0	0	0	0	0	0
4. Uso de EPI's						
Acertos	20	45,5	03	12,5	17	85,0
Erros	24	54,5	21	87,5	03	15,0
5. Formas clínicas						
Acertos	30	68,2	12	50,0	18	90,0
Erros	14	31,8	12	50,0	02	10,0
6. Diagnóstico						
Acertos	27	61,4	10	41,7	17	85,0
Erros	17	38,6	14	58,3	03	15,0
7. Classificação operacional						
Acertos	19	43,2	04	16,7	15	75,0
Erros	25	56,8	20	83,3	05	25,0
8. Tratamento						
Acertos	38	86,4	23	95,8	15	75,0
Erros	06	13,6	01	4,2	05	25,0
9. Alta por cura						
Acertos	22	50,0	12	50,0	10	50,0
Erros	22	50,0	12	50,0	10	50,0
10. Avaliação neurológica						
Acertos	24	54,5	08	33,3	16	80,0
Erros	20	45,5	16	66,7	04	20,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

O teste de conhecimento específico contendo 10 questões objetivas sobre hanseníase foi aplicado aos 44 estudantes do primeiro e último semestre. Dentre essas questões duas obtiveram 100% de acerto, sendo elas: questão 01 que tratava do agente etiológico causador da doença e questão 03 que abordava possibilidade do acometimento da hanseníase nas diversas faixas etárias.

As questões 08, que questionava o tratamento utilizado nas formas clínicas de hanseníase, 05 que classificava essas formas clínicas em indeterminada, tuberculóide, dimorfa e virchowiana e 06 sobre o diagnóstico, obtiveram respectivamente 38 (86,4%), 30 (68,2%) e 27 (68,2%) acertos, tornando-se as mais acertadas entre os estudantes.

Em contra partida, o maior número de erros (56,8%; 25/44) foi encontrado na questão 07, voltada à classificação operacional (paucibacilar e multibacilar) seguida da questão 04 (Uso de Equipamento de Proteção Individual - EPI's), onde boa parte dos estudantes (54,5%; 24/44) afirmava ser obrigatório o uso de máscara N95 e luvas para o atendimento de pacientes com suspeita ou diagnóstico de hanseníase. As demais questões mantiveram um número equilibrado entre erros e acertos.

Observa-se que os alunos do primeiro semestre apresentaram melhor desempenho nas questões de conhecimento básico, nas demais estiveram sempre com o número de erros bem superior aos de acertos, o que já era esperado tendo em vista que se trata de uma temática pouco disseminada na nossa sociedade. Esse padrão não se repetiu em apenas duas questões (05- que classificava as formas clínicas da hanseníase e 09 - alta por cura) onde ocorreram 50% de erros e acertos.

Os estudantes do último semestre demonstraram conhecimento acima de 50% em todas às questões respondidas, apenas na questão 09 (alta por cura) as respostas ficaram em 50% de erros e acertos, assim como no grupo do primeiro semestre (Tabela 4).

5 DISCUSSÃO

Para avaliar o conhecimento específico dos 44 estudantes (primeiro e último semestre) da nossa amostra, foi aplicado um teste contendo 10 questões objetivas sobre hanseníase. O conhecimento do agente etiológico e entendimento do acometimento nas diversas faixas etárias obtiveram 100% de acerto. As questões que abordavam o tratamento, forma clínica e diagnóstico também merecem destaque positivo.

Entretanto quando falamos de classificação operacional e uso de EPI's nas consultas ao paciente com hanseníase, notamos um maior número de erros. Tal dado é preocupante, já que conhecer as características da hanseníase é fundamental para que haja quebra na cadeia de transmissão, assim como um atendimento de qualidade aos usuários.

A hanseníase tem como agente causador o *Mycobacterium leprae* que apresenta sinais e sintomas dermatoneurológicos. Segundo a classificação operacional, divide-se em dois grupos; paucibacilares e multibacilares, que permitem quatro formas clínicas: intermediária, tuberculóide, dimorfa e virchowiana. Seu tratamento está diretamente ligado a classificação operacional, podendo durar de 6 a 12 meses. Além disso, não se faz necessário uso de máscara N95 e luvas, a bactéria é transmitida pelas vias respiratórias em contato prolongado, o profissional pode e deve tocar no paciente para que ele se sinta acolhido e elimine qualquer sentimento de preconceito (BRASIL, 2017).

O perfil sociodemográfico da amostra apresentou resultados semelhantes aos encontrados em estudos realizados em diversas regiões brasileiras. Em pesquisa com 430 estudantes de cursos de Enfermagem das IES privadas de Belo Horizonte no ano de 2009, onde houve predomínio de mulheres (84,9%) com faixa etária de 20 a 24 anos e renda mensal de um a três salários mínimos (BRITO; BRITO; SILVA, 2009). Similar, também, a estudo desenvolvido em Sobral – CE entre 2015 a 2017 com 276 estudantes de enfermagem onde a amostra em sua maioria foi formada por mulheres (78,6%) e com idade entre 20 e 24 anos (NETO *et al.*, 2017).

Internacionalmente, também pode-se contatar a similaridade, pois em pesquisa realizada no México com 750 estudantes de enfermagem no ano de 2016, onde houve predomínio de mulheres (85%) com idade média de 22 anos (REZA *et al.*, 2016).

A faixa etária presente relaciona-se ao ingresso cada vez mais precoce nas universidades com intenção de adentrar ao mercado de trabalho mais cedo, buscando uma estabilidade na profissão. A prevalência do sexo feminino confirma uma tendência de

feminilização no serviço de enfermagem, onde atividades que envolvem o cuidado são vistas como parte do trabalho feminino (GARCIA; MORAES; GUARIENTE, 2016).

Quanto a formação anterior, em trabalho desenvolvido com 705 discentes de quatro IES brasileiras, três públicas e uma privada, sendo uma da região sul e três da região sudeste do país entre abril de 2011 a março de 2012, notou-se que 96,9% dos discentes não possuíam outro curso superior, e isso pode estar diretamente relacionado, também, ao fato da população universitária ser cada vez mais jovem (BUBLITZ *et al.*, 2015).

Ainda nesta pesquisa quando questionados sobre a aproximação prévia com o tema “hanseníase”, parte da amostra (38,2%; 26) citou a escola como principal veículo de informação. A escola possui papel fundamental na propagação de saúde. É onde ocorrem os primeiros passos e contato com o mundo exterior, sendo fundamental expandir esse ensino ao contexto ao qual o aluno está inserido.

Estratégias em escolas mostram-se bastante positivas, entretanto barreiras podem ser encontradas, tais como o desinteresse no tema, euforia e timidez (PINHEIRO *et al.*, 2015). Dessa forma, é necessário que as atividades estejam de acordo com a faixa etária trabalhada, tendo o cuidado de usar uma linguagem clara e acessível evitando que as informações não sejam compreendidas.

Em 2011, estudantes de enfermagem de uma universidade pública no Rio Grande do Norte desenvolveram uma ação de extensão sobre hanseníase em uma escola pública com 190 estudantes com idade entre 16 e 23 anos. Antes de iniciar a palestra, os estudantes responderam a 03 questionamentos sobre a doença: Agente Etiológico, Sinais e sintomas e Serviço de saúde a ser procurado. O percentual de acertos foram respectivamente 38,0%, 37,0% e 48,0%. Após a intervenção foi aplicado o mesmo questionário apresentando aumento significativo nos números de acertos: Agente Etiológico 98,0%, Sinais e sintomas 98,0% e Serviço de saúde a ser procurado 93,6%. Tal resultado denota que os estudantes estão aptos a disseminar tais informações com a comunidade contribuindo assim com a quebra na cadeia de transmissão (PINHEIRO *et al.*, 2015).

Além do que já foi citado, o ministério da saúde periodicamente lança a campanha nacional de verminoses, tracoma e hanseníase assim como demais estratégias dentro do Programa Saúde na Escola (PSE). Esse primeiro contato com o tema hanseníase mencionado pelos estudantes nesta pesquisa, pode ter sido decorrente de ações relacionadas a tais estratégias desenvolvidas nas escolas.

No ano de 2007 foi instituído o PSE, que visa promover saúde e educação às crianças, adolescentes, jovens e adultos estudantes da rede pública de ensino por meio de

ações de promoção, prevenção e manutenção da saúde. As atividades são realizadas com a participação da Estratégia Saúde da Família (ESF) permitindo uma ligação entre a escola e UBS respeitando o contexto social ao qual estão inseridos. É com base nesse contexto social que surgem as ações prioritárias do ponto de vista epidemiológico (BRASIL, 2011). Dentre essas ações destaca-se a campanha de verminoses, tracoma e hanseníase. Essa campanha é voltada aos estudantes de 5 a 14 anos de idade e tem como objetivo informar sobre os sinais e sintomas, maneiras de prevenção dessas doenças, levando a um diagnóstico precoce e o tratamento imediato (BRASIL, 2016).

A veiculação da temática nas mídias sociais e televisivas é indispensável, já que possui uma maior abrangência atingindo os mais diferentes públicos. No presente trabalho as redes sociais e televisão estiveram entre os três meios mais citados, 19 (27,9%) e 17 (25,0%) respectivamente.

Atualmente as mídias sociais se fazem presente na vida da maioria da população e isso pode vir a trazer impactos positivos ou negativos. Quando falamos em saúde, a disseminação de notícias falsas ou incompletas pode levar a graves consequências. Um exemplo muito forte é o atual movimento antivacina, que surgiu a partir de pequenos grupos contrários a vacinação e ganhou força através da divulgação em mídias sociais. É sabido que quanto menos se conhece sobre um assunto mais fácil será acreditar nas informações recebidas de maneira cotidiana. Dessa forma, com desconhecimento de boa parte da população, estas notícias acabam sendo aceitas como verdade, e assim corre-se o risco de doenças antes controladas por meio de vacinas regressarem ao convívio social (SANCHES; CAVALCANTI, 2018).

Entretanto, as mídias sociais também tem seus benefícios. Hoje entidades filantrópicas, sociedades médicas, e o próprio ministério da saúde já investem nesse tipo de mídia, interagindo e levando informação para a população através das redes sociais. Um exemplo disso é a Associação Alemã de Assistência aos acometidos pela hanseníase e Tuberculosos (DAHW). Organização não governamental fundada em 1957 na Alemanha e que hoje registra atividades em mais de 20 países, inclusive no Brasil. A DAHW conta com a divulgação de seus conteúdos por meio de redes sociais e investe cada vez mais na produção de material com credibilidade e que levem a um engajamento social.

Em uma pesquisa realizada com 152 moradores atendidos em uma Unidade de Saúde localizada em Minas Gerais, 58% já tinham ouvido falar sobre a doença e 50,6% afirmaram ter sido através da televisão (SILVA, 2012).

É importante ressaltar que apenas 01 estudante citou o posto de saúde como veículo de informação, reforçando a deficiência na promoção da saúde por meio de atividades voltadas a

comunidade. Tal aspecto pode revelar uma fragilidade na disseminação de informação sobre hanseníase nas UBS de acesso do acadêmico, medida que precisa de promoção e adoção de novas estratégias de empoderamento da população quanto ao tema.

A falta de capacitação profissional é um dos principais fatores que levam a um desconhecimento sobre a hanseníase e isso está muitas vezes ligada à carência de conteúdos nos cursos superiores da área da saúde (CARVALHO *et al.*, 2015).

Neste estudo todos os acadêmicos do último semestre (45,5%; 20) afirmaram ter contato com o tema “hanseníase” durante sua formação sendo a aula abordagem mais utilizada (40,0%; 20), seguida de aula expositiva com estágio (30,0%; 15). Para Chaves (2017), faz-se necessário um ensino teórico e prático, pois é através dessa vivência que os estudantes serão capazes de sedimentar o conhecimento adquirido.

A carga horária destinada a essa abordagem foi 12 a 20 horas (55,0%; 11), valor relativamente baixo, pois trata-se de uma doença endêmica na região. Em pesquisa realizada na Paraíba em cursos de enfermagem de seis universidades, entre públicas e privadas, Chaves (2017) observou que os planos de ensino apresentados possuíam limitações em relação à carga horária com muitos conteúdos para poucas horas de aula, prejudicando a formação do enfermeiro.

Na busca de suprir as deficiências ou expandir o aprendizado, é comum que os estudantes busquem atividades complementares, tais como cursos, ações de extensão e estágio extracurricular.

Viana, Araújo e Pires (2016) observaram, em pesquisa realizada com 122 alunos do último ano do curso de medicina de universidades públicas de Belém, que atividades complementares permitem um amadurecimento profissional, entretanto demandam tempo e isso pode levar a um baixo rendimento curricular básico, além de queda na qualidade de vida.

Neste estudo, a maioria dos estudantes (70,0%; 14) considerou as abordagens utilizadas satisfatórias para sua formação, entretanto, boa parte (60,0%; 12) não se sentia apto para executar atividades de enfermagem dentro das ações de controle da hanseníase. O mesmo ocorreu com a maioria dos 98 profissionais da saúde, 71 enfermeiros e 27 médicos, que participou de uma pesquisa no Rio Grande do Norte, afirmando não se sentir capacitados para atuar frente à hanseníase devido ao conhecimento insatisfatório recebido durante a graduação (MORENO; ENDERS; SIMPSON, 2008)

Em estudo realizado em uma universidade pública no curso de medicina em Minas Gerais com 632 estudantes, ingressantes e internos, observou-se que a maioria dos estudantes inicia o curso apenas com conhecimentos básicos como, por exemplo, sinais e sintomas da

doença. Os internos mostraram maior domínio teórico, aqueles que tiveram experiência prática mostraram maior nível de segurança em relação aos demais (ALVES *et al.*, 2016).

Tal evidência sugere que quanto maior a carga horária dedicada a temática, principalmente, com envolvimento de atividades práticas, maior será a aptidão e conhecimento dos futuros profissionais de saúde. Ou seja, apesar de presente na grade curricular, a carga horária destinada para tal tema, não foi suficiente para a excelência do aprendizado no grupo de alunos do último semestre na amostra deste estudo.

6 CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa mostraram-se semelhantes a outros estudos já publicados, com predominância de adultos jovens, do sexo feminino, renda familiar baixa e sem formação anterior.

A escola mostrou-se como o principal meio de conhecimento antes de ingressar na graduação, o que reforça a importância de atividades de educação em saúde além dos muros das universidades. Porém destaca-se a relevância da disseminação de informação através de outras mídias, como as redes sociais e televisão.

Diante do exposto, é possível afirmar que o ensino em hanseníase ministrado no curso de enfermagem foi parcialmente satisfatório para o conhecimento teórico. Apesar disso, faz-se necessário uma reestruturação na carga horária oferecida, já que nos encontramos em região endêmica, visando assim, à formação de profissionais qualificados e aptos a atuar frente às ações de controle da hanseníase. Abordagens que alinhem teoria e prática tornam o conhecimento mais sólido, formando profissionais cada vez mais capacitados e seguros.

Destaca-se que este trabalho pode vir a servir de ferramenta para que docentes e coordenadores conheçam o perfil sociodemográfico, assim como as necessidades dos estudantes do curso de enfermagem quanto à hanseníase.

Como limitações deste estudo tiveram a escassez de trabalhos publicados voltados para o ensino da hanseníase na graduação de enfermagem e a baixa adesão dos estudantes a pesquisa online. Sugere-se repetir o formulário futuramente em novas turmas, além da expansão dessa pesquisa para as demais faculdades de enfermagem no Ceará, para que assim possamos ter um panorama da formação sobre hanseníase dos futuros enfermeiros.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cynthia Rossetti Portela et al. Evaluation of Teaching on Leprosy by Students at a Brazilian Public Medical School. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 3, p. 393-400, Sept. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010055022016000300393&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Jun. 2019.
- AQUINO, C M F *et al.* **Peregrinação (Via Crucis) até o diagnóstico da hanseníase**. Revista Enfermagem Uerj, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 185-190, 2015. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/12581/12788>>. Acesso em 17 Set. 2018.
- BELUCI, M. L.; BORGATO, M. H.; GALAN, N. G. A. **Avaliação de cursos multiprofissionais em Hanseníase**. HansenologiaInternationalis, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 47-53, 2012. Disponível em: <http://www.ils.br/revista/detalhe_artigo.php?id=12013>. Acesso em 16 Set. 2018.
- BUBLITZ, S *et al.* **Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem de quatro instituições brasileiras**. Rev Gaúcha Enferm. 2015 mar;36(1):77-83. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/48836/33325>>. Acesso em 02 Jun. 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico. **Caracterização da situação epidemiológica da hanseníase e diferenças por sexo, Brasil, 2012-2016**. Brasília 2018. 12 p. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/janeiro/31/2018-004-Hanseniasse-publicacao.pdf>>. Acesso em 16 Set. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução nº 466, de 12 dez 2012. Brasília-DF, 2012(a).
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenação Geral de Hanseníase e Doenças Em Eliminação. **Guia prático para operacionalização da Campanha Nacional de Hanseníase, Verminoses, Tracoma e Esquistossomose 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 50p. Disponível em: <<http://www.saude.mt.gov.br/arquivo/5597>>. Acesso em. Acesso em 10 Jun. de 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Guia prático sobre a hanseníase** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 68 p.: il. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/novembro/22/Guia-Pratico-de-Hanseniasse-WEB.pdf>>. Acesso em: 02 de Jun. de 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças negligenciadas: estratégias do Ministério da Saúde**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 200-202, Fev. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v44n1/23.pdf>>. Acesso em 10 Ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Instrutivo PSE / Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/legislacao/passo_a_passo_pse.pdf>. Acesso em 10 Jun. 2019.

BRITO, A L *et al.* **Tendência temporal da hanseníase em uma capital do Nordeste do Brasil: epidemiologia e análise por pontos de inflexão, 2001 a 2012**. Rev. bras. epidemiol., São Paulo, v. 19, n. 1, p. 194-204, Mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v19n1/1980-5497-rbepid-19-01-00194.pdf>>. Acesso em 01 Set. 2018.

BRITO, Aneilde Maria Ribeiro de; BRITO, Maria José Menezes; SILVA, Patrícia Aparecida Barbosa. Perfil sociodemográfico de discentes de enfermagem de instituições de ensino superior de Belo Horizonte. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 328-333, June 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452009000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Jun. 2019.

CARVALHO, A P M *et al.* **Integração das ações de controle da hanseníase sob a perspectiva dos profissionais da saúde**. Rev. enferm UFPE online, Recife, 9 (1):114-20, jan., 2015. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/10314/10992>>. Acesso em 19 Set. 2018.

CEARÁ. Secretaria de Saúde. **Boletim epidemiológico hanseníase**. 2017. Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/9/2018/06/boletim_hanseniasi_05_09_2017.pdf> Acesso em: 16 Set. 2018.

CHAVES, A E P. **O ensino da atenção à hanseníase em cursos de graduação em enfermagem**. 2017. 181 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências da Saúd. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Natal, RN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24944/1/AnaElisaPereiraChaves_TES E.pdf>. Acesso em 22 Set. 2018.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 12 ed. Porto Alegre: AmghEditora. 2016. 712 p.

DNDi. Responding to Neglected Patients' Needs Through Innovation. **Relatório anual 2017**. [S.l.], 2018. 88 p. Disponível em: <https://www.dndi.org/wp-content/uploads/2018/08/DNDi_AR_2017.pdf>. Acesso em 14 Set. 2018.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo**. Cad. Pesqui., São Paulo, n. 115, p. 139-154, Mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em 30 Set. 2018.

GARCIA, A. K. A.; MORAES, A; GUARIENTE, M. H. D. M. **Perfil de estudantes ingressantes de um curso de enfermagem do Sul do Brasil: caracterização dos hábitos de leitura e estudo**. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 37, n. 2, p. 47-54,

jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/24499/20330>>. Acesso em 02 Jun. 2019.

IYOR, F. T. **Knowledge and attitude of nigerian physiotherapy students about leprosy.** Asia Pacific Disability Rehabilitation Journal, Tokyo, V. 16 N. 1, 2005. Disponível em <<http://english.aifo.it/disability/apdrj/apdrj105/nigerian.pdf>>. Acesso em 23 Set. 2018.

MOREIRA, A J *et al.* **Ação educativa sobre hanseníase na população usuária das unidades básicas de saúde de Uberaba-MG.** Saúde debate, Rio de Janeiro, v. 38, n. 101, p. 234-243, Jun 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v38n101/0103-1104-sdeb-38-101-0234.pdf>>. Acesso em 12 Ago. 2018.

MORENO, C M C; ENDERS, B C; SIMPSON, C A. **Avaliação das capacitações de hanseníase: opinião de médicos e enfermeiros das equipes de saúde da família.** Rev. bras. enferm., Brasília, v.61, n. spe, p. 671-675, Nov. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61nspe/a03v61esp.pdf>>. Acesso em 22 Set. 2018.

NETO, F. R. G.X. *et al.* **Perfil Sociodemográfico dos Estudantes de Enfermagem da Universidade Estadual Vale Do Acaraú (UVA).** Enferm. Foco 2017; 8 (3): 75-79. Disponível em <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/download/1532/404>>. Acesso em 03 Jun 2019.

PINHEIRO, M. G. C. *et al.* **O enfermeiro e a temática da hanseníase no contexto escolar: relato de experiência.** Rev. pesqui. cuid. fundam. (Online);7(3):2774-2780, jul.-set. 2015. tab. Disponível em: <www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/download/.../pdf_1621>. Acesso em 02 Jun. 2019.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** Tradução de Ana Thorell, 7. ed., Porto Alegre, editora: Artmed, 2011.

REZA, Cleotilde García *et al.* Perfil de los estudiantes mexicanos en las clínicas de enfermería. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 11-16, Mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Jun 2019.

SANCHES, S. H. D. F. N.; CAVALCANTI, A. E. L. W. **Direito à Saúde na Sociedade da Informação: A Questão das Fake News e Seus Impactos na Vacinação.** Revista jurídica, vol. 04, n.º. 53, Curitiba, 2018. pp. 448-466. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/3227/371371743>>. Acesso em 11 Jun 2019.

SANTOS, C S. *et al.* **Representações sociais de profissionais de saúde sobre doenças negligenciadas.** Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=1487>. Acesso em 11 Jul. 2018.

SCHNEIDER, P. B.; FREITAS, B. H. B. M. **Tendência da hanseníase em menores de 15 anos no Brasil, 2001-2016.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n.3, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n3/1678-4464-csp-34-03-e00101817.pdf>>. Acesso em 18 Ago. 2018.

SILVA, PLN. **Perfil de conhecimentos sobre hanseníase entre moradores de uma Estratégia Saúde da Família.** Hansen Int. 2012; 37 (2): p. 31-39. Disponível em: <<https://www.ilsl.br/revista/download.php?id=imageBank/v37n2a04.pdf>>. Acesso em 02 Jun. 2019.

SILVA-PIRES, F. E. S. *et al.* **As doenças negligenciadas e os determinantes sociais da saúde no contexto da investigação em ensino.** Unilasalle, Canoas, v. 22, n. 1, 2017, Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/3344/pdf>>. Acesso em 10 Ago. 2018.

VIANA, A. C. B.; ARAÚJO, F. C.; PIRES, C. A. A. **Conhecimento de estudantes de medicina sobre hanseníase em uma região endêmica do Brasil.** Revista Baiana de Saúde Pública, Bahia, v. 40, n. 1, p. 24-37, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/738/1789>>. Acesso em 04 Set.2018.

VINUTO, J.A **amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>>. Acesso em: 27 Set. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global leprosy update, 2017: reducing the disease burden due to leprosy.** 2018. Geneva, Switzerland: World Health Organization. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/274289/WER9335.pdf?ua=1>>. Acesso em: 13 Ago. de 2018.

APÊNDICE A– INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

E-mail: _____ **Data:** ____/____/____

1. Perfil do acadêmico.

1. Idade (Anos completos): _____
2. Sexo: () masculino () feminino
3. Renda Familiar mensal: _____
4. Semestre que está cursando: () primeiro () último
5. Possui formação anterior? () sim () não
6. Caso sim, qual? _____
7. Você já tinha ouvido falar sobre hanseníase antes de entrar na faculdade?
() sim () não
8. Caso sim, onde/como? () redes sociais () mídia online () televisão () rádio
() escola
() formação anterior () outros: _____
9. Você teve algum contato com o tema “hanseníase” durante sua formação?
() sou do 1º semestre () sim () não
10. Caso sim, qual foi a abordagem utilizada?
() sou do 1º semestre () aula () visita () estágio () seminário () aula e estágio
() outros: _____
11. Caso sim, quantas horas foram destinadas para esta abordagem? (aqui você deverá responder as horas diretamente gastas com a abordagem. Por exemplo, uma aula de 08:00 as 12:00, somado com 3 dias de estágio de 08:00 as 12:00, você deverá registrar 16 horas, pois cada atividade teve 4 horas de duração): _____ () sou do 1º semestre
12. Essa abordagem fazia parte da sua grade curricular ou foi executada através de atividade complementar?
() sou do 1º semestre () grade curricular (como parte de uma disciplina) () atividade complementar (estágios extracurriculares, ações de extensão, cursos...)
13. Caso tenha sido através de atividade complementar, marque a opção que corresponde a atividade: () sou do 1º semestre () estágios extracurriculares () ações de extensão
() cursos
14. Você considerou esta abordagem satisfatória para sua formação para executar atividades de enfermagem dentro das ações de controle da hanseníase?

() sou do 1º semestre ()sim ()não

15. Caso não considere, descreva aqui como você gostaria que esta abordagem tivesse acontecido (Questão destinada aos alunos do último semestre, caso você seja do primeiro semestre, escreva o número 1)

16. Você se sente apto para executar atividades de enfermagem dentro das ações de controle da hanseníase?

() sou do 1º semestre ()sim ()não

17. Caso você não se sinta apto, quais tópicos você gostaria que tivessem sido abordados ou reforçados? (Questão destinada aos alunos do último semestre, caso você seja do primeiro semestre, escreva o número 1)

2. Avaliação de conhecimento. (Para alunos dos primeiros e últimos semestres)

Analise as afirmativas abaixo, e em seguida assinale Verdadeiro ou Falso, com relação ao seu conteúdo sobre hanseníase.

1. A hanseníase é transmitida por um bacilo chamado *Mycobacterium leprae*.
() Verdadeiro () Falso
2. A transmissão da hanseníase acontecesse através do contato de pele ou utensílios de um paciente não tratado.
() Verdadeiro () Falso
3. A hanseníase pode acometer crianças, adultos e idosos.
() Verdadeiro () Falso
4. Para o atendimento de pacientes com suspeita ou diagnóstico de hanseníase é obrigatório o uso de máscara N95 e luvas.
() Verdadeiro () Falso
5. As formas clínicas da hanseníase utilizadas na ficha do SINAN são: indeterminada, tuberculóide, dimorfa e virchowiana.
() Verdadeiro () Falso
6. O diagnóstico de hanseníase só pode ser confirmado através de baciloscopia de raspado intradérmico positiva.
() Verdadeiro () Falso
7. A classificação operacional para fins de tratamento é dividida em paucibacilar (doença

localizada em uma região anatômica e/ou um tronco nervoso comprometido), e multibacilar (doença disseminada em várias regiões anatômicas e/ou mais de um tronco nervoso comprometido).

()Verdadeiro ()Falso

8. O tratamento da hanseníase acontece através de um coquetel de multidrogas, e é o mesmo para todas as formas clínicas de hanseníase.

()Verdadeiro ()Falso

9. Para receber alta o paciente precisa apresentar baciloscopia de raspado intradérmico negativa.

()Verdadeiro ()Falso

10. O grau de incapacidade física leva em consideração a avaliação da integridade da função neural no momento do diagnóstico, na ocorrência de estados reacionais e na alta por cura, sendo uma atividade realizada exclusivamente pelo NASF.

()Verdadeiro ()Falso

APÊNDICE B– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado por Paula Sacha Frota Nogueira como participante da pesquisa intitulada “O ENSINO DA HANSENÍASE EM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO CEARÁ”. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Estou desenvolvendo esta pesquisa que tem como objetivo geral: Avaliar o ensino sobre hanseníase entre acadêmicos de enfermagem de IES federal situada em Fortaleza - Ceará. Para tanto, convidamos você a colaborar respondendo às perguntas contidas no formulário de avaliação, que será enviado por *e-mail*, logo após o seu consentimento para participar desta pesquisa que a equipe de coleta fará. Vou perguntar sobre sua idade, sexo, renda, e em qual semestre você está. Em seguida, você responderá a questões abertas sobre quais as suas necessidades de aprendizado sobre hanseníase e como aconteceu o ensino sobre hanseníase na instituição. Estas questões serão destinadas aos acadêmicos de enfermagem do último semestre. E por fim, será aplicado um mini teste de conhecimento envolvendo 10 questões objetivas sobre hanseníase. Para isto vou utilizar um questionário autoaplicável, que será enviado através de formulário *online*. O tempo que vamos gastar para as respostas será de 15 minutos, aproximadamente. A sua resposta só será validada após o preenchimento completo do formulário. Você receberá um *e-mail* de confirmação em seguida. Esta pesquisa trará como benefício a possibilidade de conhecer as lacunas do ensino em hanseníase de modo a contribuir para melhoria e visibilidade deste tema na formação acadêmica. Não haverá riscos físicos aos participantes. Pode acontecer constrangimento diante das respostas das questões sobre conhecimento específico. Caso queira interromper, não sofrerá nenhum prejuízo moral, físico ou social ou restrição em seu curso de graduação. Ressalto que a sua participação será voluntária não havendo nenhum tipo de incentivo financeiro. Você terá acesso a qualquer tempo às informações sobre procedimentos e benefícios relacionados à pesquisa inclusive para retirar eventuais dúvidas; o direito e a liberdade de negar-se a participar da pesquisa ou dela retirar-se quando assim desejar; além disso sua identidade será mantida no anonimato, bem como qualquer informação que possa identificá-lo. O que for dito será usado apenas na pesquisa e ficará sob minha guarda. Para qualquer outro esclarecimento, estaremos disponíveis no telefone /endereço a seguir:

Nome: Paula Sacha Frota Nogueira

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Alexandre Baraúna, 1115 – Rodolfo Teófilo, Fortaleza-CE

Telefone para contato: (85) 999625489

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, ____anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
----------------------------------	------	------------

Nome do pesquisador principal	Data	Assinatura
-------------------------------	------	------------

Nome do Responsável legal/testemunha (se aplicável)	Data	Assinatura
--	------	------------

Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura
--	------	------------

ANEXO A - PARECER COMITÊ DE ÉTICA

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENSINO DA HANSENÍASE EM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO CEARÁ

Pesquisador: Paula Sacha Frota Nogueira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 10809718.0.0000.5054

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.358.467

Apresentação do Projeto:

Estudo de natureza qualitativa, com cunho descritivo, na forma de estudo comparativo, feito por meio de observação in lócus, em documentos e sites oficiais, entrevistas semiestruturadas, além de aplicação de questionários para identificação do perfil pessoal e profissional dos participantes.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Avaliar o ensino sobre hanseníase entre acadêmicos de enfermagem de IES federal situada em Fortaleza-Ceará.

Objetivos Secundários:

- Identificar o perfil de acadêmicos do primeiro e último semestre de curso de graduação em Enfermagem de IES federal situada em Fortaleza-Ceará;
- Descrever as necessidades de aprendizado sobre hanseníase entre os acadêmicos do primeiro e último semestre de curso de graduação em Enfermagem de IES federal situada em Fortaleza-Ceará;
- Conhecer as abordagens utilizadas para o ensino da hanseníase para os acadêmicos do último semestre de curso de graduação em Enfermagem de IES federal situada em Fortaleza-Ceará;
- Verificar o conhecimento sobre hanseníase entre acadêmicos do primeiro e último semestre de curso de graduação em Enfermagem de IES federal situada em Fortaleza-Ceará.

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE **Município:** FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 3.358.467

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Para a pesquisadora, não haverá riscos físicos aos participantes. Pode acontecer constrangimento diante das respostas das questões sobre conhecimento específico.

Benefícios: Para a autora, esta pesquisa trará como benefício a possibilidade de conhecer as lacunas do ensino em hanseníase de modo a contribuir para melhoria e visibilidade deste tema na formação acadêmica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo pertinente, considerando-se a importância do ensino sobre doenças estigmatizantes na graduação em Enfermagem.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram anexados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se aplica.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1277605.pdf	08/05/2019 22:09:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_VERSAO2.docx	08/05/2019 22:03:07	Paula Sacha Frota Nogueira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.pdf	08/05/2019 21:57:38	Paula Sacha Frota Nogueira	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	08/05/2019 21:52:08	Paula Sacha Frota Nogueira	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO_ROTATED.pdf	01/04/2019 16:39:53	Paula Sacha Frota Nogueira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO.pdf	12/03/2019 13:04:55	Paula Sacha Frota Nogueira	Aceito
Outros	LOCAL_DA_PESQUISA.pdf	12/03/2019 13:01:34	Paula Sacha Frota Nogueira	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 3.358.467

Outros	CARTA.pdf	12/03/2019 12:57:21	Paula Sacha Frota Noqueira	Aceito
Outros	LATTES.pdf	12/03/2019 12:56:53	Paula Sacha Frota Noqueira	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	12/03/2019 12:54:18	Paula Sacha Frota Noqueira	Aceito
Outros	FORMULARIO.pdf	17/12/2018 12:53:17	Paula Sacha Frota Noqueira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 30 de Maio de 2019

Assinado por:

FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE **Município:** FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br